

Sabrina Fidalgo
comemora novos
ares na cultura



PÁGINA 3

Lúcio Costa,
um gênio
introspectivo



PÁGINA 5

FGV Arte amplia
exposição com
artistas cariocas



PÁGINA 8

2º CADERNO

Divulgação

Por Lucas Brêda (Folhapress)

Zeca Pagodinho está atarefado. Atende ligações e conta dinheiro para fazer um pagamento enquanto dá entrevista - algo que notoriamente odeia, só menos do que posar para fotos. Em uma das unidades do Bar do Zeca, temático sobre o sambista, na Barra da Tijuca, ele brinca que a última vez que ganhou no jogo do bicho foi há uma semana, mas pouca coisa, só R\$ 900.

De muitas maneiras, Zeca continua o mesmo. Prepara o início da turnê de 40 anos de carreira, a começar pela gravação de um show no estádio Nilton Santos, o Engenhão, em 4 de fevereiro. O repertório é aquele consagrado por ele, com participações de parceiros antigos, caso de Alcione, Seu Jorge, Jorge Aragão, Xande de Pilares, Diogo Nogueira e Marcelo D2, e novos, como Djonga.

Mas seu entorno mudou. A malandragem, ele diz, era diferente de quando Beth Carvalho o alçou de partideiro e compositor frequente nas rodas de samba do Rio a intérprete, no começo dos anos 1980, dando início à carreira de quatro décadas, uma das mais bem-sucedidas da história da música brasileira.

“Até na maneira de conversar”, diz. “Malandro antigamente não falava ‘a gente vamos. Os caras sabiam falar. Liam. [O pessoal do bicho] também. No subúrbio, a gente vivia no meio de tudo.”

Esse Rio de Janeiro de malandros boêmios e românticos, e seus causos, se transforma em poesia nos versos de Zeca desde os tempos das rodas de samba às quartas-feiras no Cacique de Ramos. Mas a Cidade Maravilhosa, ele diz, também não é mais a mesma.

“Tudo está muito mais violento”, diz. “Eu ia [ao morro da] Mangueira, casa de Tia Zica, mas morreu ou sumiu todo mundo. Não dá. [Não vou mais] também por causa da violência. Tinha um mocotó na quarta-feira, aí vinha um com um pandeiro, fazia um samba. A boca ficava num lugar lá no canto. Hoje pa-



Zeca Pagodinho: ‘Deixaram chegar nesse ponto. As crianças sem escola, sem comida’

‘No subúrbio, a gente vivia no meio de tudo’

Zeca Pagodinho celebra 40 anos de carreira vivendo a nostalgia do Rio e do samba

rece que a boca é o morro inteiro.”

Para Zeca Pagodinho, é uma mudança em curso já de uns 20 anos para cá, e “parece que vai piorar”. “Não consigo ver uma coisa boa. Acho que ninguém consegue”, diz. “Deixaram chegar nesse ponto. As crianças sem escola, sem comida. Tinha um amigo meu que falava que a fome não tem amigo. Onde a fome chega, a violência chega junto. E sem educação.”

É dessa época de mocotó e samba no morro que datam uma parte das centenas de fitas cassete que Zeca redescobriu em sua casa na pandemia. Elas contêm gravações de músicas e conversas, mas deixam o sambista nostálgico a ponto de evitar mexer no arquivo em busca de composições inéditas.

“Me dá tristeza, porque foi um tempo muito bom”, diz. “Muita gente já morreu. Aí tem lá as nossas conversas. Aí alguém toca um negócio e diz, ‘lembra daquele samba?’, ‘fiz esse samba essa noite’. Era assim. Ligava e ia gravando. Coisa de 30, 40 anos atrás.”

Continua na página seguinte

Agora Zeca só quer cantar o que faz sentido para ele

Zeca Pagodinho conta que há alguns anos, achou nas fitas uma música de Monarco - histórico compositor da Portela de quem Zeca era fã ao ponto de, na adolescência, persegui-lo em um ônibus para cantar para ele suas canções favoritas. Gravou "Peregrinação" em 2019, no álbum "Mais Feliz".

Há nas fitas também algumas colaborações de Zeca com Arlindo Cruz, o maior parceiro de sua carreira, que desde 2017 sofre as consequências de um acidente vascular cerebral. O mais ilustre morador de Xerém não conseguiu visitar o amigo, que vive em estado delicado, até hoje.

"As músicas me levam para lá, onde a gente estava. Fico 'caramba, esse dia foi na casa dele, no Morro do Fubá. Lembro daqueles amigos todos brincando, bebendo. Fico triste por saber que isso não vai voltar mais. Às vezes consigo fazer isso em Xerém, mas não com a mesma intensidade."

Zeca também encontrou composições dele que não quer retomar porque já não pensa mais como antigamente. Ele cita "Amarguras", gravada pelo Fundo de Quintal, que diz na letra "de que vale a vida se eu não tenho a sorte". "Não posso mais cantar isso. Antes eu não tinha, mas hoje tenho a sorte", diz.

É uma decisão que também mostra como Zeca tem apreço por aquilo que é de verdade. Só quer cantar aquilo que faz sentido para ele. Não gosta de sorrir em fotos com fãs quando está triste, e pede a fotógrafos que não o dirijam durante os cliques - preza pela espontaneidade.

"Lama nas Ruas", clássico dele com melodia de Almir Guineto, foi escrita para uma paixão que não foi para frente. Mas, no caso dessa canção, ele diz, "combina sempre". "Essa música fiz para Mônica Evelyn. Hoje, ela deve ter uns 60 anos. Não sei. Nunca mais a vi."

Mais recentemente, Zeca abriu alguns cadernos antigos após a cantora Teresa Cristina ter pedido músicas a ele para gravar um álbum interpretando só composições dele. De um deles, também, resgatou uma letra para uma parceria, a sua quarta, com o sambista Moacyr Luz.

Achou também uma letra escrita ao lado de uma foto do tipo Polaroid de uma mulher nua, entregue a Zeca por ela "Acho que eu escrevi aquele poema para ela, mas não lembro quem é. É muito antigo. Romântico. Não lembro se beijei nem se cheguei a conhecê-la. Foram muitos beijos pelo mundo."

Antes de ser trazido por Beth Carvalho para o centro dos holofotes, Zeca queria ser apenas compositor. Desprezava - e despreza até hoje - a cultura de celebridade, sejam as selfies ou os pedidos de autógrafa, que o impede de ter uma vida simples, algo que só



Divulgação

Antes de ser trazido por Beth Carvalho para o centro dos holofotes, Zeca Pagodinho queria ser apenas compositor. Desprezava - e despreza até hoje - a cultura de celebridade

consegue quando está em Xerém.

Com 14 ou 15 anos, Zeca diz, ele já escrevia. Nessa época, fez um poema no estilo acróstico com o nome da filha de uma vizinha, Alessandra, quando ela nasceu. Ouvia seresta e jovem guarda com a família, e era chamado de velho por gostar de sambas antigos de Elizeth Cardoso.

Queriu estudar instrumentos, mas desde a adolescência não pôde porque tinha que trabalhar - motivo pelo qual criou o Instituto Zeca Pagodinho, em que oferece aulas de música. Entrou de vez nesse universo

quando conheceu Arlindo Cruz e passou a frequentar rodas de samba, em especial a do Cacique de Ramos.

Antes do Cacique, diz Zeca, o samba da velha guarda era "reto". "Lá, [os instrumentistas] tocavam baixinho, para se ouvir quem estava cantando. Tinha muita gente, mas todo mundo tocava com disciplina e suavidade. Hoje em dia ficou tudo muito rápido, acelerado, não dá nem para ouvir a letra."

Ali, o samba passava por uma transformação, com a criação e inserção de instrumentos como tantã e repique de mão, em encon-

tros de onde saíram nomes como Fundo de Quintal, Jorge Aragão e Almir Guineto, além de Zeca e Arlindo, entre outros, muitos deles apadrinhados por Beth Carvalho.

Era um jeito novo, particular e extremamente influente de se fazer samba - algo que intimidava Arlindo. "Lá não dá para a gente entrar não", ele dizia a Zeca. Mas os amigos chegaram na roda e, num intervalo, pediram para cantar uma música. "Começamos a cantar e eles começaram a voltar, aí passamos para a roda da frente", diz Zeca.

Foi quando ele ganhou fama de partideiro de mão cheia, Beth o chamou para gravarem juntos "Camarão Que Dorme a Onda Leva", composição de Zeca, com clipe exibido no Fantástico, da Globo, e o resto é história. Nessa época, ele diz, pagode não era sequer nome de gênero musical.

Hoje, Zeca é adorado por rappers, desde quando Marcelo D2 o citou como principal referência em uma entrevista dos anos 1990. Mais recentemente, conheceu o mineiro Djonga. "Ele conheceu o pessoal do quintal do Pagodinho, teve uma aula aqui. Ficou amarradão. Pediu ajuda para montar repertório, quer gravar samba."

Em relação ao funk, Zeca vê semelhanças em como o gênero hoje é discriminado, por questões sociais e de raça, de forma parecida como aconteceu com o samba décadas atrás. "É uma pena porque tem tanto cara bom no funk", diz. "Mas o samba não tinha tanto isso de apologia de crime."

Mas na vitrola de Zeca, que só usa celular para "ligar, atender e tirar foto dos meus netos", a música que toca vem de outros tempos. Assim como sua TV fica ligada no canal Viva e na Globo, onde ele assiste a novelas antigas e à versão original de "Escolinha do Professor Raimundo".

De certa maneira, Zeca vive numa temporalidade própria, é remanescente de uma era em lenta decomposição, que pulsa quando ele sobe ao palco, como fará em sua próxima turnê. Mais que um intérprete raro, com o microfone ele se torna condutor de uma expressão que tem força para dar sentido a um país, que evoca modos de vida em atrito com a complexidade tecnológica e a desigualdade social de um capitalismo avançado.

Enquanto dribla a nostalgia melancólica, Zeca não deixa de celebrar a vida - talvez sua qualidade mais reconhecida, além do talento musical - pois sabe que não há coisa mais feia que gente chorando de barriga cheia. Quando olha para trás, comemora que se tornou amigo de ídolos como Monarco e Martinho da Vila. "Que vida maluca do caralho, né?", diz. "E boa demais. Para quem sabe viver. Tem gente que não sabe."

ENTREVISTA / SABRINA FIDALGO, CINEASTA

‘Voltamos a respirar sem aparelhos na cultura’

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Vtória estética na incansável luta antirracista do Brasil, a aquisição do acervo do dramaturgo e diretor teatral Ubirajara Fidalgo (1949-1986) pelo Instituto Moreira Salles garantiu um abre-alas cheio de bons augúrios para o 2024 da cineasta Sabrina Fidalgo. Filha do encenador, ela é dona de uma carreira aplaudida internacionalmente. Curtas-metragens como “Rainha” (2016) e “Alfazema” (Prêmio de Melhor Direção no Festival de Brasília de 2019) fizeram dela um aríete contra a exclusão, inspirando caminhos para sua necessária estreia em longas. Falta pouco para que a realizadora possa debutar no formato, a julgar pelo azeitado andamento de “Time to Change”, documentário dela com a produtora Gullane, envolvendo ainda Globo Filmes, GloboNews e Canal Brasil, com apoio da Ford Foundation. A seu lado, numa direção a quatro mãos, está o fotógrafo suíço de streetstyle Yvan Rodic, que fez fama sob a alcunha de Facehunter.

Ela frisa sempre que o .doc mescla vivências bem distintas – “Temos uma mulher preta brasileira, cineasta, e temos um artista visual branco da Suíça” – num combate ético para responder uma questão histórica: como decolonizar o mundo e o sistema?

Iniciado em 2023, num périplo pelo planeta, “Time To Change” investiga como o privilégio branco ainda molda todos os aspectos das sociedades ao redor do mundo, inclusive (ou melhor, sobretudo) no Brasil. É um ensaio sobre “mentalidades coloniais”. Ela tem um roteiro de ficção capaz de deslumbrar quem lê, chamado “Karnaval”, que promete dar papéis nada usuais – e surpreendentes – a um elenco de peso, com astros e revelações.

No meio do processo, Sabrina antecipou o

que está por vir ao Correio, propondo um balanço do que mudou na cultura com a chegada de Lula ao Poder, em janeiro do ano passado.

Em que pé está o documentário “Time To Change” e de que maneira esse filme aborda os temas do racismo no Brasil?

Sabrina Fidalgo: Estamos em produção. Ainda temos filmagens para fazer mas, simultaneamente, estamos em fase de pré-montagem, junto com a editora Cristina Amaral. Como o material é extenso e o roteiro bem complexo, achamos por bem antecipar essa etapa da montagem, para ganharmos tempo. O filme pauta o racismo de cabo a rabo, porque a nossa investigação parte do princípio de que o status quo global resulta de 600 anos de colonização europeia no mundo. Como isso repercute até hoje? Quais são suas sequelas, tanto para os opressores quanto para os oprimidos, que, nesse caso específico, representam o Norte e o Sul global? O racismo é o desdobramento direto desse projeto colonial. Sem a implementação do racismo, enquanto ferramenta de poder, destruição e submissão, esse projeto colonial europeu jamais teria vingado e o Brasil hoje ainda seria um território 100% indígena. Não dá para não falar sobre colonialismo, capitalismo e territorialidade sem tocar no racismo.

Como anda o projeto “Karnaval”, seu primeiro longa de ficção, e que novos filmes seus estão por vir?

“Karnaval” é um projeto que está sendo desenvolvido paralelamente ao “Time to Change”, porém em outro estágio de produção. Vou terminar um set e entrar no outro, literalmente. Tenho um projeto de série documental e de um outro longa de ficção já a caminho, para depois de “Karnaval”. Também estou na reta final de um livro de memórias com a editora Cia das Letras e outro



Divulgação

que será um apanhado dos textos da minha coluna online para a Vogue Brasil. E no meio disso tem projeto teatral também.

Qual é a sua impressão das primeiras mudanças na Cultura já trazidas na atual Era Lula? Como você avalia o atual cenário audiovisual no país?

É nítida a mudança de um desgoverno para a nova era Lula, esse sim, um governo de verdade. Saímos da total inércia no setor cultural para o início de uma (re)construção de país. Estamos no início dos processos da volta do MinC, da SaV, da Ancine, das secretarias de cultura, das políticas públicas, dos fomentos e dos editais. O retorno da implementação de cotas e os projetos identitários nesse setor também nos dão esperanças de dias melhores. Claro que milagres não existem, sabemos que essa máquina pública ressuscitada de uma tentativa de desmonte, ao longo de oito anos, precisará de muito tempo para se reestruturar, desburocratizar-se e se agilizar. Os processos ainda são lentíssimos, o que prejudica muito o fazer cinematográfico de muitos talentos. Mas, obviamente, voltamos a respirar sem aparelhos nesse sentido. O ideal seria poder não contar unicamente com políticas públicas para realizar projetos. Mas esse é um luxo para poucos.

Como você avalia a aquisição do acervo do diretor teatral Ubirajara Fidalgo, seu pai, pelo Instituto Moreira Salles? O que compõe esse acervo?

Eu acho importantíssima, e histórica, essa aquisição do acervo do meu pai junto ao IMS. É o acervo do dramaturgo preto com a obra teatral mais extensa, visionária e potente e que ainda é obscura para a maioria dos brasileiros. Isso significa o rompimento com o apagamento sistêmico que sempre foi imposto a nós, artistas pretos. Tenho muito orgulho desse acontecimento e sei que o IMS é o melhor lugar para cuidar do legado do meu pai, Ubirajara Fidalgo, dramaturgo, diretor de teatro, empresário, apresentador de TV, fundador do TEPRON (o Teatro Profissional do Negro) e do IPCN (o Instituto de Pesquisas da Cultura Negra) junto com minha mãe, a produtora teatral Alzira Fidalgo. Foi graças a ela que esse legado ficou intacto. Ela sempre foi a grande guardiã desse tesouro nacional. O acervo inclui textos originais, muitos manuscritos, fotos, negativos, cartas, documentos, cartazes, ingressos, carimbos, croquis, desenhos, materiais de trabalho e várias mídias, como fitas cassetes com gravações em áudio das trilhas sonoras de vários espetáculos, gravações de espetáculos em diferentes formatos e muito, muito mais.

Scorsese, o eleito da crítica

Prestes a ser receber na Berlinale o Urso de Ouro Honorário, diretor encabeça lista da Associação de Críticos de Cinema do Rio

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Pouco antes de uma exibição de “Os Infiltrados” (“The Departed”, Oscar de Melhor Filme de 2007) no Berlinale Palast, na capital da Alemanha, agendada para 20 de fevereiro, Martin Scorsese receberá o Urso de Ouro Honorário de 2024 celebrando quase seis décadas de sua dedicação ao audiovisual. Vai ganhar uma retrospectiva de sua obra no Festival de Berlim (marcado de 15 a 25 de fevereiro), com direito a uma cópia restaurada do cult “Depois de Horas” (1985).

Essa honraria tem tudo para ser acompanhada de uma série de indicações ao Oscar para seu longa-metragem mais recente, “Assassinos da Lua das Flores”, disponível na grade da Apple TV.

Na manhã desta terça, a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood anuncia os indicados à sua cerimônia anual, que, este ano, tem data agendada para 10 de março, do Dolby Theatre, em Los Angeles. No dia 7 deste mês, a produção rendeu o Globo de Ouro de



Divulgação

Assassinos da Lua das Flores

OS 10 MELHORES DE 2023 PARA A ACCRJ

“Assassinos da lua das flores” (“Killers of the flower moon”), de Martin Scorsese (EUA) – Melhor Filme do Ano

“A Baleia” (“The Whale”), de Darren Aronofsky (EUA)

“Decisão de Partir” (“Heojil Kyolshim”), de Park Chan-wook (Coreia do Sul)

“Os Banshees de Inisherin”

(“The Banshees of Inisherin”), de Martin McDonagh (Reino Unido/EUA/Irlanda)

“Os Fabelmans” (“The Fabelmans”), de Steven Spielberg (EUA/Índia)

“Oppenheimer”, de Christopher Nolan (EUA/Reino Unido)

“Pearl”, de Ti West (EUA/Canadá/Nova Zelândia)

nadá/Nova Zelândia)

“Retratos Fantasma”, de Kleber Mendonça Filho (Brasil)
“Tár”, de Todd Field (EUA)

“Triângulo da Tristeza” (“Triangle of Sadness”), de Ruben Östlund (Suécia/Reino Unido/Alemanha/México/França/Turquia/Dinamarca/EUA/Suíça/Grécia)

Melhor Atriz de Drama ao esplendoroso desempenho de Lily Rose Mary Gladstone - descendente dos indígenas Nimípuu e Pikunis. No Brasil, a produção orçada em cerca de US\$ 200 milhões acaba de ganhar um mimo de uma turma que respira (e transpira) estética 365 dias por ano:

a Associação de Críticos de Cinema do Rio de Janeiro (ACCRJ).

Em sua enquete anual, o grupo, presidido por Ricardo Largman, elegeu o estudo de Scorsese sobre o racismo contra os povos originários dos EUA o número um de seus Dez Melhores do Ano - em referência ao

“Retratos Fantasma”, além de um realce para o ganhador da Palma de Ouro de 2022, “Triângulo da Tristeza”.

“Numa seleção, neste ano, um pouco mais compacta — são majoritariamente produções de grandes estúdios —, a obra de Scorsese se destaca por levar ao espectador o seu estilo narrativo singular, sempre marcado por personagens fortes e complexos”, explica Largman, que foi reeleito para um novo mandato na presidência da associação carioca, que tem Ana Carolina Garcia como vice-presidente; Ana Rodrigues como secretária-geral; e Mario Abbade como tesoureiro. “Do alto dos seus 81 anos, o cineasta reafirma sua capacidade inabalável de levar para as telas, com qualidade, técnica e emoção, histórias nada triviais que, muitas vezes, como aqui, resultam em merecidíssimas premiações. É o reconhecimento ao cinema, e a um de seus mais representativos artífices, em sua essência”, acrescenta.

Homenagens póstumas

Pela importância artística e cinematográfica, a ACCRJ rende homenagens póstumas a quatro personalidades que nos deixaram no ano passado: a atriz Léa Garcia; o ator, diretor e dramaturgo José Celso Martinez Corrêa; o compositor estadunidense Burt Bacharach; e o crítico de cinema francês Michel Ciment. A associação ainda costuma apontar, ano após ano, a Melhor Iniciativa Cinematográfica do país. Numa cartografia analítica do que se passou em 2023, essa honra foi conferida ao documentário “Nelson Pereira dos Santos – Vida de Cinema”, de Aída Marques e Ivelise Ferreira.

O anúncio das preferências da ACCRJ coincide com o êxito mundial de bilheteria de “Assassinos da Lua das Flores”, que faturou US\$ 156 milhões. O mais recente longa do diretor é uma adaptação ousadíssima do livro de não-ficção “Killers of the Flower Moon: The Osage Murders and the Birth of the FBI”, do jornalista estadunidense David Grann, um tratado histórico contra a intolerância. Dois musos da obra do diretor unem seus talentos em cena: Leonardo DiCaprio e Robert De Niro.

que se viu em 2023.

Anualmente, a ACCRJ faz uma enquete, precedida por debates e reflexões, que aponta seus favoritos, oferecendo a todo o país faróis de apreciação do audiovisual. Nesta seleção, teve espaço para o pernambucano Kleber Mendonça Filho e seu

Lucio Costa, que projetou Brasília com Niemeyer, se escondeu dos holofotes

Por Alessandra Monastrelli
(Folhapress)

Em 1937, os pampas gaúchos, a 2.500 quilômetros de Porto Alegre, abrigavam ruínas de um passado colonial distante. Pedras avermelhadas, entre bases de colunas e muros, salpicavam o matagal de baixos arbustos, sem dar pistas de que já foram uma construção jesuíta no século 17. Foi assim que o arquiteto Lucio Costa, que anos depois desenharia Brasília, encontrou o embrião do que se tornaria o Museu das Missões. Para dar luz ao edifício reformado, ele elaborou um projeto que faria uma intervenção moderna nas ruínas históricas, inspirado nas antigas casas de indígenas construídas pelos religiosos.

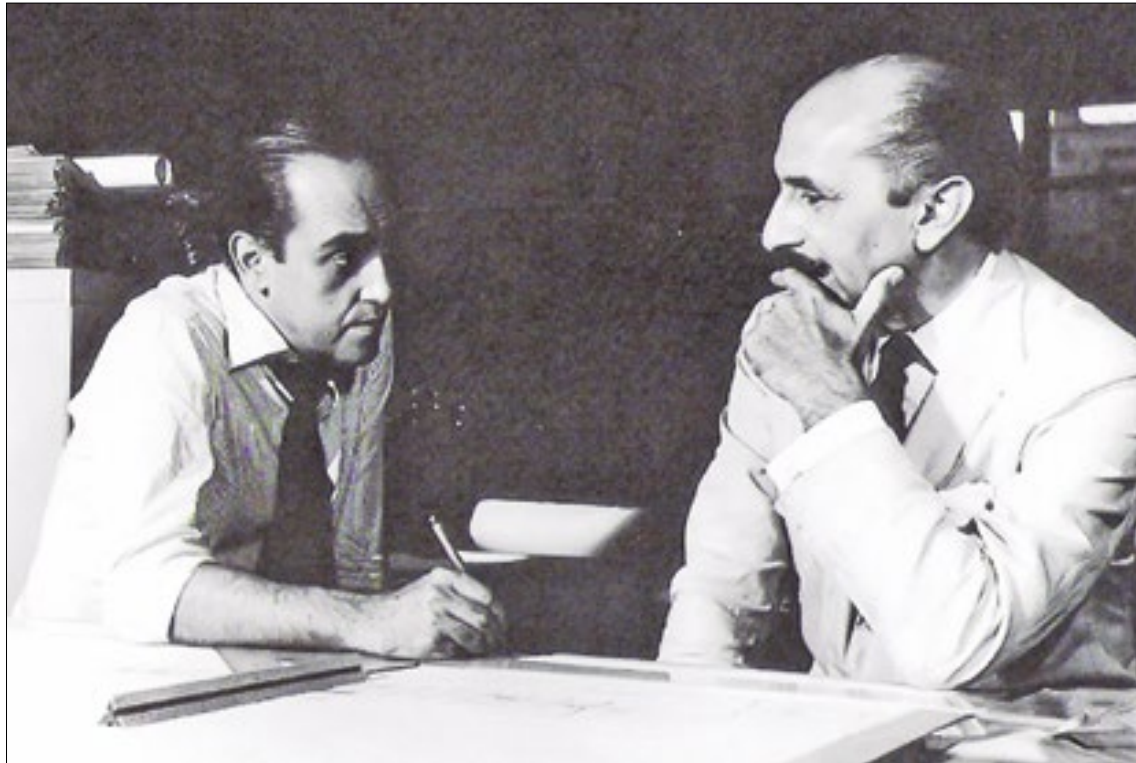
Em São Miguel das Missões, remota cidade que só seria reconhecida em 1988, Costa dava pistas do estilo que o tornaria um dos arquitetos mais importantes do Brasil. A inserção de elementos antigos a um planejamento moderno seria sua marca.

Com esse relato ilustrativo, Fernando Serapião, crítico de arquitetura e editor da Monolito, dá a largada ao relato biográfico do arquiteto no livro “Lucio Costa, Designer”, publicado pela casa em parceria com o estúdio Dpot, que rastreia a trajetória de Costa até a criação, na década de 1960, da “Poltroninha”, que faria seu nome ser relembrado também no design de mobiliário no país.

Costa foi matriculado na Escola Nacional de Belas Artes pelo pai que queria um filho artista. Logo se destacou como uma promessa do estilo neocolonial, considerado na época a resposta para uma identidade arquitetônica brasileira. José Marianno Filho, diretor da escola na época, defendia com unhas e dentes que “a casa brasileira deveria ser como a ve-

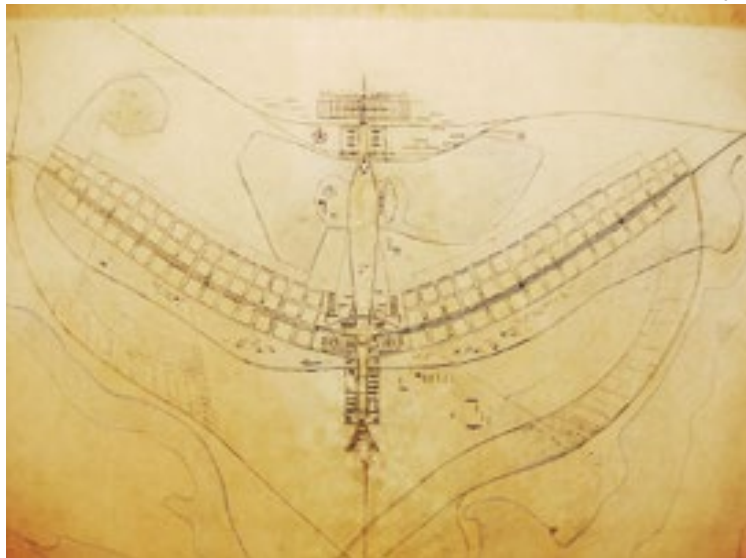
Um gênio introspectivo

Jean-Pierre Dalbéra



Lúcio Costa (à direita) e seu pupilo, Oscar Niemeyer

Reprodução



Plano piloto de Brasília desenhado por Lúcio Costa

lha casa patriarcal”.

Foi uma viagem a Diamantina (MG), que mudou os rumos intelectuais do jovem. Na arquitetura definida por ele como “civil, chã e cotidiana”, encontrou a essência da construção. “[As casas] eram muito verdadeiras do ponto de vista estrutural. Todas as peças e elementos da construção tinham sentido. O mes-

mo acontece no modernismo, que ele adota mais tarde”, diz Serapião. O neocolonial, então, se tornou para Costa uma mera forma de tentar marcar o passado com técnicas novas.

Quando Getúlio Vargas chega ao poder, em 1930, Manuel Bandeira, que via em Lucio Costa outro poeta, o indicou a diretor da Escola Nacional de Belas Artes. Lá,

passou a defender, de vez, o modernismo, sob o mote de que “em todas as grandes épocas as formas estéticas e estruturais coincidem”. “Ele percebeu que no colonial verdadeiro e no modernismo as coisas se encaixam. Mas nas coisas em estilo, o neocolonial, tudo que é ‘neo’, é falso. Ele procurava uma verdade”, diz Serapião.

Sua rejeição ao neocolonial não o deixou muito tempo no cargo. Depois de demitido, se aproximou de Gregori Warchavchik, ucraniano radicado no Brasil que se tornou um dos principais representantes do modernismo na arquitetura. Juntos, formaram uma sociedade e contrataram um jovem estagiário: Oscar Niemeyer.

Alguns anos depois, o Ministério da Educação e da Saúde Pública precisava de uma nova sede. Recomendado por Carlos Drummond de Andrade, na época chefe de gabinete do ministro Gustavo Capanema, Costa foi designado para chefiar o grupo de arquitetos que

fariam o projeto. O plano escolhido foi o de Niemeyer, que deu vida ao Palácio Capanema, no Rio. O edifício tem os “cinco pontos da arquitetura moderna modulados por Le Corbusier”, segundo Serapião. Planta e fachada livres, colunas, teto-jardim e aberturas horizontais. “Ele continuou apostando na mistura entre passado e presente, aliando elementos luso-brasileiros a vanguarda europeia.”

No que parecia ser seu auge, porém, Costa saiu de cena. “Ele se colocava na sombra. Ele percebe a diferença do talento criativo do Niemeyer e parece que deixa de bandeja o protagonista para ele, ficando em segundo plano, quase como um mentor intelectual”, analisa Serapião.

O isolamento teve uma pausa com a projeção dos prédios no parque Guinle. Na inauguração, o alemão Walter Gropius, da Bauhaus, deu uma bronca no brasileiro. “O senhor Lucio Costa tem obrigação moral de participar e orientar o movimento arquitetônico no Brasil.”

Essa introspecção agravou-se com a morte da esposa, Julieta, e só seria quebrada para projetar Brasília, na década de 1950. “Ele criou a mais impactante experiência urbanística do século, mas não participou da inauguração”, diz Serapião. Deixou o protagonismo, mais uma vez, para Niemeyer.

Na década de 1960 projeta, quase como um passatempo, uma poltrona para a casa da filha, mas Sérgio Rodrigues o convida para criar a peça na Oca. “É mais fácil projetar uma cidade do que uma cadeira”, brincou. O resultado final foi a “Poltroninha”, que retoma a ideia da LCI e da cadeira de campanha, somada aos elementos que dominavam o mobiliário modernista brasileiro insurgente, como uso de madeiras nobres e couro e estruturas pensadas para o conforto.

Para Serapião, o precursor da arquitetura moderna brasileira pensou além do espaço, junto aos colegas que criavam uma identidade nacional. Com seus de braços de madeira estofados e assento inclinado, a “Poltroninha” coloca em prática, no design, o ensinamento de Diamantina à Costa, de que a estrutura simples é, na realidade, complexa.

MORA NA FILOSOFIA

ALDO TAVARES
PROFESSOR-MESTRE EM FILOSOFIA

Papo com Jean Baudrillard

Encontrar pessoas é encontrar palavras, e eu as encontrei na França, onde, na adega Le Vintage, ao lado da Catedral de Notre-Dame de Reims, entrevistei o muito reservado Jean Baudrillard para falar, entre um gole e outro de vinho, sobre deepfake. Em 6 de março, Baudrillard fará 95 anos, continua muito bem física e mentalmente.

Por que você retornou à sua cidade natal?

Ela me dá paz, além de ser o melhor lugar para tomar vinho.

Vem aí um novo livro?

Sim. Não sei quando concluo.

É sobre...

Deepfake.

Esse nome não havia na época, mas seus livros já pensavam o fenômeno há mais de 40 anos.

Deepfake é simulação, e a simulação é pensada desde Platão, ou seja, para entender o ato de simular, é preciso ler o filósofo grego.

Fale um pouco disso.

Em 1981, publiquei na França “Simulacres et simulation”, onde digo que simular é fingir ter o que não se tem, por exemplo, quem finge uma doença pode simplesmente se meter na cama e fazer crer que está doente e, ao se fazer crer, simular é mais complicado: não é fingir, pois alguém crê na doença do fingido; mas é também fingir, pois o fingido sabe que não existe a doença. A simulação encontra-se entre o-que-é-e-o-que-não-é ou entre o-que-tem-e-o-que-não-tem. A simulação está entre-dois signos desiguais, sendo nem um nem outro.

E atualmente?

É o mesmo fenômeno, só que

seu raio de ação hoje ampliou-se de forma devastadora, porque agora a ausência se finge presença por meio da máquina chamada, erroneamente, de inteligência artificial, sendo disseminada em rede, em tela, é neurosimulação. Se a situação tornou-se pior, é por causa, diria Foucault, dos dispositivos ou, diria Deleuze, dos agenciamentos.

O que mudou foi o alcance, ele é bem maior.

Além da circulação bem mais ampla, tornou-se bem mais rápida. Em segundos, a vida de uma pessoa é destruída em vasta escala pelo que ela nunca fez.

Por que circulação da ausência?

Simular é fingir ter o que não se tem, e o deepfake, ao fazer circular o que uma pessoa não fez, faz circular ausência, falta, enfim, circula o falso. O-que-não-é é o mesmo que ausência, mas a simulação faz circular o-que-não-é como sendo o-que-é. O-não-ser-é, isso é a potência do falso.

Não há mais sentido.

É informação puramente instrumental, medium técnico que não implica qualquer finalidade de sentido e, portanto, que não pode ser sequer implicada num juízo de valor. Enquanto informação, o deepfake devora o próprio conteúdo, a comunicação e o social.

E o real?

O que circula em rede é o que está entre real-e-não-real, isso é simulação, o que proporciona a potência do falso, e o falso não se opõe à verdade, como acredita o senso comum, mas é o outro da verdade, não podendo haver, portanto, a distinção de dois polos antagônicos. Estamos na simulação, ou seja, na manipulação absoluta.

Mamonas Assassinas
em ritmo de folia

Pedro Arantes/Divulgação

Bloco que celebra banda comemora 10 anos

Por Cláudia Chaves
Especial para o Correio da Manhã

Os Mamonas Assassinas fizeram história e marcaram gerações. Formada em Guarulhos em 1995, a banda chamou a atenção pela mistura do rock com outros ritmos, além da irreverência nas letras e nos shows. Com uma carreira de pouco mais de oito meses, gravou um único álbum que vendeu mais de 3 milhões de cópias, deixando um legado que dura até hoje na memória de todos.

Em 2014, o produtor Caio Buckler, fã dos Mamonas, decidiu lançar um projeto: o Brasília Amarela, o primeiro bloco no Brasil a homenageá-los, com músicas em versões carnavalescas, em ritmos como samba-enredo, marchinha, frevo, ijexá e o funk. E o bloco oficial comemora 10 anos de folia.

“Mamonas é alegria, e irreverência, é liberdade. E o Carnaval é tudo isso e mais um pouco, então nada melhor do que juntar os dois para cantar, dançar, se divertir e deixar a vida um pouco mais leve”, compara Buckler.

Agora em 2024, para comemorar os 10 anos de bloco, uma agenda de shows que começa nesta quarta-feira (24) com o Ensaio Oficial para o carnaval, no Teatro Rival, a partir das 19h.

Em fevereiro, o grupo se apresenta no festival CarnaMango, no domingo de carnaval (11), no Circo Voador, evento que conta também com shows de Dona Onete, Marcelo D2 e Cacique de Ramos, entre outras atrações. O desfile oficial será na segunda (12), a partir de 10h no Largo de São Francisco,



Criado para eternizar o legado dos Mamonas, o Brasília Amarela faz seu ensaio oficial nesta quarta no Teatro Rival

no Centro, no palco que também se apresenta o bloco Dinossauros Nacionais.

O Brasília Amarela faz um show que não se limita ao carnaval em uma grande performance. No repertório, além do único disco dos Mamonas, também fazem parte músicas que não chegaram a ser gravadas, e canções bem humoradas de artistas como Charlie Brown Jr e Rita Lee, reafirmando a diversidade de ritmos e estilos musicais.

O samba-enredo, composto por Caio Buckler em parceria com Gustavo Oliveira e Rodrigo Eduardo, apresenta de forma saudosa a homenagem: “Vem com a Brasília, vamos cantar, Pelados em Santos e Sabão Cra Cra, dançar Vira-Vira com um alemão, minha Arlinda mulher, você me deixa doidão!”

Para Jorge Santana, CEO da marca Mamonas Assassinas e primo do vocalista Dinho, o bloco é uma felicidade só. “Para mim é uma satisfação enorme fazer parte deste

projeto com vocês, porque pessoas como vocês ajudam a perpetuar nosso legado. Eu fico muito feliz de estarem há 10 anos realizando esse excelente trabalho”, comenta.

O filme que apresenta a história dos Mamonas Assassinas segue em cartaz, reafirmando que este carnaval é o momento de comemorar e saudar os meninos de Guarulhos. “São 10 anos de Brasília Amarela, com muita festa e eventos incríveis, da forma que eles e o público merecem. A memória deles vive!”, afirma Caio Buckler.

SERVIÇO

BRASÍLIA AMARELA

24/1: Ensaio oficial do Teatro Rival Petrobras (Rua Álavaro Alvim, 33 - Cinelândia), às 19h
11/2: Festival CarnaMango no Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº - Lapa), às 18h
12/2: Desfile oficial, com concentração no Largo de São Francisco, a partir das 10h

CRÍTICA / RESTAURANTE / L'ULIVO CUCINA E VINI

È vero. Capisce?

Por Cláudia Chaves
Especial para o Correio da Manhã

Em uma das ruas mais agitadas de Copacabana, cantada em prosa e verso em filmes, novelas, avista-se uma pequena vitrina. Abre-se a porta e, como acontece nos livros, somos transportados para a Itália.

Entra-se no L'ulivo Cucina e Vini, pequeno restaurante com poucas mesas e menu escrito a mão. De resto, tudo é grande: o menu equilibrado, o atencioso atendimento, a carta de vinhos.

Fui recebida pelo Bruno, o jovem advogado que oferece, há sete anos, pães e massas produzidas na casa, preparos tradicionais, polenta, burrata, queijos, embutidos e as massas.

Estava lá cuidando da mesa e dos acertos dos pedidos a jornalista Isabelle Lindote que, profunda conhecedora dos segredos da culinária, fez todas as indicações.

Começamos com a bruschetta de Parma, mascarpone e figo a uma redução de balsâmico. A combinação vem sobre o pão na medida certa de tamanho e torrada. Os sabores, ótimos, foram a introdução para o carpaccio de carne com rúcula e parmesão. Coisa difícil de se encontrar: as fatias finíssimas, sem qualquer congelamento, macias e sem um nervinho. Com o Chardonnay servido, o frescor amenizou calorão da cidade.

Gabriel Cardoso



A Itália se faz presente no clima e nos sabores

Nos principais, fomos “uma no ferro, outra na ferradura”. O carbonara é feito como deve, nada de creme de leite; apenas as gemas que se derretem na massa quente, manteiga e pecorino com o espaguete de ótima qualidade. Depois fomos para a ousadia de uma das

criações com assinatura exclusiva: gnocchi ao creme de abóbora, carne-seca e gorgonzola. A carne seca, bem desfiada, crocante, a abóbora um verdadeiro vultoso, o gnocchi seco e macio, pois é feito com farinha e manteiga e o complemento do queijo forte têm-se uma opção de prima.

De prima, também, as sobremesas produzidas no restaurante: o infalível tiramisù (o doce mais popular da Itália), também disponível com Nutella e o delicioso Romeo & Giulietta (R\$ 38), cheesecake com calda de goiabada da casa e crumble de amêndoas. Depois disso, foi sair cantarolando O sole é mio. Afinal, saímos de uma vera cantina.

SERVIÇO

L'ULIVO CUCINA E VINI

Rua Miguel Lemos, 53 Loja B - Copacabana

De terça a sábado (11h30 às 16h e 18h às 23h) e domingo (12 às 17h)

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR CLÁUDIA CHAVES

Divulgação



paixão pelo 'nonno'

Felipe Trotta criou a sua primeira casa para homenagear sua paixão, o Cinebotequim. O Bar do Trotta, no Maracanã, ao lado do CineBotequim, é para lembrar o seu avô materno, Adolfo. A casa ocupa um espaço de 8m², repleto de objetos do Nonno e fotos de família. O cardápio enxuto é perfeito para a proposta. Alichela, jiló, queijo e uma caponata de berinjela muito saborosa. A peça inteira do pernil, com muito molho, acebolado, pode ser servido na porção, no sanduba e no prato de “casamento”, nos fins de semana, com arroz, farofa e maionese.

Cerveja com brownie

A Three Monkeys Beer e o Brownie do Luiz lançam, repaginada, a Brownie Ale, com toques precisos de lúpulo e chocolate. Sucesso em 2016, a cerveja possui 7,5% de teor alcoólico. Batizada Brownie Ale 2.0, a nova versão é uma robusta Double Brown Ale com adição de cacau, lactose e baunilha. A parceria traz outras três variedades especiais, com produção limitadíssima de 50 litros cada, plugadas exclusivamente na casa: Avelã, Doce de Leite e Café. Os brownies da linha estão disponíveis para harmonizar com a novidade etílica.

Divulgação



Divulgação



Novidades no Mr. Lenha

O Mr. Lenha lança novo cardápio com duas opções de entradas: o Suppli de Queijo (foto), típico bolinho romano frito, com arroz arbóreo, queijo grana padano e vinho branco, recheado com mozzarella de búfala e servido com geleia de pimenta; a Bruschetta Duas Estações, uma de tomate e manjerição com outra de cogumelos salteados na manteiga e vinho branco. Os principais incluem o Pollo alla Parmegiana, servido com arroz de amêndoas, e o Mignon ao Poivre que acompanha um fettuccine na manteiga de sálvia e retorna ao cardápio após o pedido dos clientes.



Com a adição de novas obras pela curadoria, a exposição reúne agora 57 artistas



Uma exposição viva

Em cartaz desde setembro de 2023, na FGV Arte, espaço de experimentação e pesquisa artística da Fundação Getúlio Vargas, a mostra “A Quarta Geração Construtiva no Rio de Janeiro” recebeu novas obras. O curador Paulo Herkenhoff traz nomes consagrados como Adriana Varejão e Beatriz Milhazes para reafirmar a complexidade e a potência do que ele chama de “quarta geração construtiva”.

“Esta exposição é um processo vivo, em andamento, aberto a novas descobertas, e uma prova de que o trabalho curatorial não se encerra no dia da inauguração de uma mostra”, avisa Herkenhoff.

Os artistas que passam a integrar a exposição surpreenderam com seus pro-

gramas e irão ampliar questões plásticas e políticas do conjunto. Além de Adriana Varejão, com a pintura Roda de cores, que celebra as diversas cores e identidades brasileiras, e Beatriz Milhazes, que incorpora a festividade das cores da cidade do Rio de



Em cartaz na FGV Arte, ‘A Quarta Geração Construtiva no Rio de Janeiro’ recebe novas obras

Janeiro com a serigrafia Flower swing, estação Antonio Ton, que recorre ao desenho de quadras esportivas para intervenção na galeria que coloca em pauta o diálogo com a juventude periférica; Elle de Bernardini, que cruza geometria e ritmos visuais com questões de gênero; Júlia Otomorinhoriô Xavante, a(r)tivista indígena da aldeia Maracanã, que utiliza técnicas ancestrais para

reivindicar o presente; Miguel Afa, que homenageia as pipas e a alegria das crianças do Rio, e Bob N, com uma pintura geométrica. As obras desses artistas se somam às já em cartaz desde setembro.

A exposição reúne agora 57 artistas cariocas de origem, de adoção ou visitantes marcados pela cidade, sem limite geracional ou de linguagem. Herkenhoff define a cidade no século XXI “com novas perspectivas no campo social de circulação da obra de arte”, o conceito de “quarta geração construtiva” se refere a um momento de “maior abertura experimental da relação com a matemática, a topologia, o número, o acaso e os improvisos, os desastres e a crise do poder, num emaranhado de agendas políticas e conceituais, processos de subjetivação, explosão do olhar da periferia, novo ethos, crítica institucional, geometria sensível da América Latina, introdução de signos materiais inauditos da arte, o quase nada e o zero”.

SERVIÇO

A QUARTA GERAÇÃO CONSTRUTIVA NO RIO DE JANEIRO
FGV Arte (Praia de Botafogo, 190)
Até 25/2, de segunda a sexta (10h às 20h) e sábados e domingos (10h às 18h) | Entrada franca